

MESTRES DO HORROR E DA FANTASIA

H.G. WELLS

O HOMEM INVISÍVEL



<http://groups.google.com/group/digitalsource>



Quem não gostaria de experimentar as sensações de ser invisível? Subtrair-se ao olhar de seus semelhantes, que delícia! Ser livre para bisbilhotar sem ser pressentido, desvendar segredos e presenciar atos e fatos que normalmente se ocultam a todos, que perspectiva sedutora! A idéia de ser invisível acarreta uma noção de extrema liberdade, de livre-arbítrio, e traz consigo a de impunidade, pois o indivíduo se furtaria não só à vista dos homens como à lei e à justiça.

*O Homem Invisível*, de H. G. Wells, mostra, porém, como essa liberdade e essa impunidade são ilusórias. Griffin, o físico que inventa um meio de se tornar invisível, deixando-se embriagar pela noção do incrível poder de que dispõe, percebe de imediato o outro lado da questão: em pleno inverno, só pode andar nu para não se denunciar, o que lhe provoca espirros e gripe; vê-se obrigado a usar permanentemente máscara e roupas para "existir" e comunicar-se com o mundo; não consegue, e em grande parte devido a seu gênio irascível, estar em boas relações com ninguém, o que lhe frustra as ambições de ser "reconhecido" como gênio e como uma pessoa especial. Ao invés disso, é caçado como um marginal da pior espécie, um inimigo público, o símbolo da maldade e da estranheza que o homem comum enxerga em tudo aquilo que não compreende.

E ele próprio, por fim, parece aceitar e desejar essa

marginalidade. Mais ainda: ciente de que a invisibilidade é uma força, um poder de que se acha investido, sonha com um reinado de Terror sobre as pequenas aldeias que atravessa. Todavia, tendo-se acumpliciado com um vagabundo ao qual confia os livros em que estão escritos os seus trabalhos e a fórmula secreta, em código, de como se fazer invisível, vê-se roubado e recorre a um antigo companheiro de faculdade, a quem conta seu segredo, e que o traiçoa chamando a polícia. Na perseguição que se segue, o Homem Invisível é morto, e seu corpo vai aos poucos aparecendo aos olhos de todos.

Não se trata de um romance escrito apenas para entretenimento. H. G. Wells não se limita a desenvolver uma história, seu propósito é fazer o leitor refletir. O fim trágico de Griffin, quando dispunha de um invento revolucionário que poderia ser utilizado em favor de todos, revela a incompreensão desse mesmo invento não só de parte do público mas também do próprio inventor, que pretendia usá-lo em proveito exclusivamente pessoal. Em vez da glória e do poder, Griffin obtém apenas o ódio, o medo e a repugnância. E como todo ser de exceção, é visto com temor e desconfiança.

Aliás, o leitor habitual de Wells já deve ter percebido que em seus romances de antecipação, desde *A Máquina do Tempo*, Wells coloca o problema da dificuldade ou mesmo da total

incomunicação do ser dito excepcional com seus semelhantes. Em *O Homem Invisível* esta incomunicação atinge o limite da rejeição total com a perseguição e morte do inventor. E o fato de caracterizar Griffin como um albino contribui naturalmente para reforçar essa idéia. Griffin já era, antes de sua descoberta, um ser de exceção, um marginal dentro da sociedade, estigmatizado pelo seu mal incurável. O que provavelmente o fez tão irritadiço e certamente colaborou para a sua ruína.

---

<sup>1</sup> Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras. Se quiser outros títulos nos procure [http://groups.google.com/group/Viciados\\_em\\_Livros](http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros), será um prazer recebê-lo em nosso grupo.

## MESTRES DO HORROR E DA FANTASIA

H.G.WELLS

De repente, o estranho ergueu as mãos enluvadas e cerradas, bateu com os pés no chão e gritou: — Pare! — com tal violência que silenciou-a instantaneamente.

— A senhora não sabe — disse ele — quem sou e o que sou. Vou lhe mostrar. Por Deus! Vou lhe mostrar. — Colocou então a mão espalmada sobre o rosto e retirou-a. O centro de seu rosto tornou-se uma cavidade negra. — Tome — disse. Adiantou-se e entregou à sra. Hall algo que ela, de olhos fixos no rosto metamorfoseado, aceitou automaticamente. Então, quando viu o que era, deu um grito agudo, deixou-o cair e recuou, cambaleando. O nariz — era o nariz do estranho! rosado e brilhante — rolou para o chão.

Depois tirou os óculos e todos os presentes arquejaram convulsivamente. Tirou o chapéu e, com um

gesto brusco, puxou as suíças e as ataduras. Por um momento estas resistiram. O súbito arrepio de um pressentimento terrível percorreu o bar. — Oh, meu Deus! — exclamou alguém. Então, elas se soltaram.

Francisco Alves

qualidade há mais de um século

**H.G.WELLS**  
**O HOMEM INVISÍVEL**

Tradução *Elsa Martins*

**Francisco Alves**

© The Executors of the Estate of H. G. Wells Título original: *The  
Invisible Man*

Revisão tipográfica: Marcos Antônio dos Santos Coelho e Salvador

Pittaro

Impresso no Brasil Printed in Brazil

1985

Todos os direitos desta tradução reservados à:

LIVRARIA FRANCISCO ALVES EDITORA S.A.

Rua Sete de Setembro, 177 — Centro

20050 — Rio de Janeiro, RJ

## A CHEGADA DO ESTRANHO

O estranho chegou no início de fevereiro, em um dia gélido, arrostando o vento cortante e a neve que não cessava de cair, a última nevada do ano. Caminhava pela colina, vindo, ao que parecia, da estação da estrada de ferro de Bramblehurst e segurava uma pequena valise negra na mão calçada com uma luva grossa. Estava agasalhado da cabeça aos pés e a aba do chapéu de feltro macio ocultava-lhe cada centímetro do rosto, exceto a ponta brilhante do nariz; a neve tinha se acumulado em seus ombros e peito, acrescentando uma orla branca ao peso que carregava. Cambaleando, entrou na "Coach and Horses", aparentemente mais morto do que vivo e deixou cair a maleta. — Fogo — implorou — por caridade! Um quarto e fogo! — Batendo com os pés no chão, sacudiu a neve no bar e seguiu a sra. Hall até a sala de visitas, para falar de negócios. E, com aquela preliminar e mais a concordância imediata quanto às condições, além de um par de soberanos jogados sobre a mesa, tomou aposentos na estalagem.

A sra. Hall acendeu o fogo e deixou-o lá, saindo a fim de preparar-lhe, ela mesma, uma refeição. Um hóspede que vinha a Iping no inverno já era uma sorte extraordinária, ainda mais um



hóspede que não barganhava, e estava disposta a mostrar-se digna de tal felicidade. Logo que o *bacon* começou a fritar e Millie, a apática empregada, espertou um pouco, graças a algumas expressões bem escolhidas de desdém, levou a toalha, pratos e copos para a sala e começou a arrumá-los com o maior *éclat*. Embora o fogo estivesse ardendo vivamente, ficou surpresa ao ver que o visitante ainda estava de chapéu e casaco, de pé, dando-lhe as costas e contemplando, através da janela, a neve que caía no pátio. Suas mãos enluvadas entrelaçavam-se atrás e parecia absorto em pensamentos. Observou que a neve derretida que ainda lhe salpicava os ombros estava pingando no tapete. — Posso pegar seu chapéu e casaco, senhor — disse —, e secá-los bem na cozinha?

— Não — respondeu ele, sem se voltar.

Sem muita certeza de tê-lo ouvido, estava prestes a repetir a pergunta.

Então ele virou a cabeça e olhou-a por cima do ombro. — Prefiro continuar assim — disse, enfaticamente, e ela notou que usava grandes óculos escuros com protetores laterais, e que bastas suíças sobre a gola do casaco escondiam-lhe completamente o rosto.

— Muito bem, senhor — replicou. — Como quiser. Daqui a pouco a sala estará mais quente.

O estranho não respondeu e desviou novamente o rosto;

e a sra. Hall, percebendo que suas tentativas de conversa eram inoportunas, acabou de pôr a mesa com movimentos bruscos e rápidos e apressou-se a sair da sala. Quando voltou, ele ainda estava de pé no mesmo lugar, como um homem de pedra, as costas encurvadas, a gola voltada para cima e a aba gotejante do chapéu virada para baixo, ocultando-lhe por completo o rosto e as orelhas. Pousou o prato de ovos e bacon sobre a mesa com um alarido considerável e elevou a voz, em vez de falar com naturalidade. — Seu almoço está servido, senhor.

— Obrigado — retrucou ele de pronto e não se moveu até que ela fechasse a porta. Só então deu meia-volta e aproximou-se da mesa.

Quando a sra. Hall passou por trás do bar, para ir até a cozinha, ouviu um som que se repetia a intervalos regulares. Crique, crique, crique, continuava, o som de uma colher mexida rapidamente em círculos, dentro de uma vasilha. — Aquela garota! — exclamou. — Vejam só! Esqueci-me completamente da mostarda. É a moleza dela! — E, enquanto acabava de bater a mostarda pessoalmente, deu algumas alfinetadas verbais em Millie, por sua excessiva lerdeza. Tinha cozido o presunto e os ovos, posto a mesa e tudo o mais, enquanto Millie (que ajudante!) nem conseguira aprontar a mostarda. E ele, um novo hóspede, querendo ficar! Encheu o pote de mostarda e colocando-o, com certa

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

